

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

LIVRO UM

O Despertar dos Marcos

Edição ilustrada · Temporada Um

A woman with dark hair tied back, wearing a dark jacket and a thick scarf, holds a glowing blue crystal in her right hand. The crystal is a complex, multi-faceted shape that emits a bright blue light. The background is dark and out of focus, with some light sources visible in the upper part of the frame.

TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

I O Eco no Casco Morto

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

O couraçado não estava morto. Estava fingindo.

Nyra Solvane conhecia a diferença. Quinze anos catando o que os impérios deixavam apodrecer ensinam a ler um casco como quem lê um rosto, e aquele tinha a quietude errada. Não a quietude limpa de uma máquina desligada — a outra, a que fica na sala depois que alguém para de respirar e ninguém ainda teve coragem de dizer em voz alta. Mil metros de grafite e ouro desbotado giravam devagar no campo de destroços, sem uma luz de posição, sem um bip de baliza, sem ninguém para responder por ele havia anos. Os registros imperiais o chamavam de *Cindra Vekt*, couraçado de classe pesada, dado como perdido numa nota de rodapé que ninguém mais lia. Para Nyra, era outra coisa. Era a diferença entre pagar o próximo salto e não pagar.

Ela ajustou a aproximação com dois toques secos nos retrofoguetes. A *Andarilha* respondeu com o ranger de sempre, aquele gemido de casco velho que ela já nem ouvia mais, remendos de solda rangendo contra o frio. A cabine cheirava a metal e a chá esquecido esfriando na caneca presa ao console. Cabos expostos corriam pelo teto como veias, e a única luz forte vinha do mostrador holográfico enrolado no antebraço dela, piscando em vermelho o número da sua servidão. O número não parava de crescer. Écrion, sempre Écrion — o cristal azul que movia a galáxia e prendia gente como ela pelo pescoço. Ela nascera num mundo-mina exaurido devendo aquele número. Ia morrer devendo, provavelmente. Mas hoje não.

— Definição de "prudente" indisponível — disse VESK, a voz da nave, seca como reboco. A esfera de luz ciano fragmentada tremeluziu ao lado dela, anéis de glifos girando com um microcorte na cadência. — Prosseguindo assim mesmo, suponho.

— Só entra, pega o que dá, e sai. — Nyra já apertava o fecho do elmo. — Não é assalto a templo. É ferro-velho.

— O ferro-velho tinha tripulação — observou a IA. — Registro de sobreviventes: zero.

Ela não respondeu. Havia respostas que só serviam para dar razão ao medo.

Do lado de dentro, o *Cindra Vekt* era escuridão e gravidade nenhuma. O facho da lanterna de capacete cortava um cone estreito no breu, e nele boiava poeira suspensa, partículas paradas no ar como um tempo que tinha esquecido de passar. Nyra deslizava pelos corredores tortos empurrando-se pelas anteparas, o cortador de plasma preso ao quadril, a echarpe azul do irmão apertada sob a gola térmica do traje. *Destroço não mente*, pensou, como pensava sempre que o silêncio começava a pesar. *Gente mente*. O destroço só conta o que aconteceu. Você é que precisa ter estômago para ouvir.

Foi quando a luz mudou.

No meio dos restos imperiais — placas rasgadas, cadeiras de comando arrancadas, ossos de máquina flutuando como num aquário sem água — havia um cristal. Pequeno, azul, do tamanho de um dedo. Absolutamente onde não deveria estar, porque aquele navio jurava, em cada rebite, em cada águia-solar estampada nas paredes, que os Primevos eram lenda de bêbado, e que só existia o Império e o que o Império permitia existir. Nyra parou no ar. O assombro e a suspeita chegaram juntos e brigaram pelo mesmo instante no rosto dela.

Um estilhaço. Ela nunca tinha visto um de perto. Tinha ouvido histórias em Porto Ruína, nas mesas onde salvadores bebiam e mentiam: fragmentos primevos que valiam um sistema inteiro, e que, às vezes, escolhiam gente. Bobagem de quem bebe. Ela estendeu a mão mesmo assim.

Quando os dedos calejados tocaram o estilhaço, ele pulsou.

Uma luz ciano, fria, subiu do núcleo do cristal e se espalhou pelo escuro — e pulsou de novo, no ritmo de algo que respira. Não para o navio. Não para a galáxia. Para ela. Um compasso lento e certo, como um coração encontrando outro coração no escuro e decidindo bater junto. O brilho encheu os olhos escuros de Nyra, e por um segundo terrível ela teve a certeza absurda, na boca do estômago, de que a coisa a via de volta. Que tinha esperado. Que o navio inteiro tinha morrido só para deixar aquele fragmento ali, paciente, à espera de uma mão específica.

— Nyra — disse VESK, e havia algo novo na voz dele, algo que não era sarcasmo. — Sua frequência cardíaca. E a dele. Estão iguais.



A um sistema de distância, numa planície morta havia dez mil anos, uma montanha de escuridão absoluta desperta.

Não há aurora. Não há som que um ouvido humano pudesse guardar. A superfície que engole toda a luz simplesmente cede a uma primeira linha — uma veia ciano que se acende de dentro para fora, geométrica, exata, riscando o Marco como uma ferida que decide sangrar luz em vez de sangue. Uma linha chama outra. Em minutos, o rosto inteiro do monólito arde por baixo da pele, e um tom baixo demais para se ouvir se derrama pela rocha e pela planície vazia — o que os instrumentos, quando houver instrumentos, vão chamar de canto. Dez mil anos de silêncio terminam sem plateia, sob um céu de estrelas frias que não muda de expressão.

Não é o cristal que acorda. É a galáxia inteira dando um passo em direção ao abismo.



De volta ao casco morto, o estilhaço na palma de Nyra se abriu em luz.

Uma projeção subiu da mão dela e desdobrou o breu da nave num mapa — constelações de ciano girando devagar, rotas que não constavam de carta imperial nenhuma, nomes de sistemas que ela quase reconhecia. Quase. Porque no centro do mapa piscava uma coordenada que não deveria existir: um ponto no lugar onde um mundo tinha sido riscado da própria memória da galáxia, uma cicatriz onde antes havia um nome. Um lugar que, oficialmente, nunca existiu. O maravilhamento no rosto de Nyra escureceu para outra coisa, mais parecida com medo. Ela já tinha visto o Império apagar coisas — pessoas somem em acidentes convenientes na Franja o tempo todo, e ela sabia disso na carne. Mas apagar um mundo inteiro custa vontade. Custa medo. Alguém tivera muito trabalho para que aquilo ali nunca fosse encontrado.

— VESK — sussurrou, a voz baixa como se o navio pudesse ouvir.
— Copia essa coordenada. Copia em três lugares diferentes.
Agora.

A IA não respondeu na hora. Quando falou, tinha perdido a ironia por completo.

— Detectei algo — disse. — Você não vai gostar. Eu também não gostei. — Uma pausa curta, elétrica. — Alguma coisa no casco morto acabou de ligar. E, pelos registros de energia... estava ligada esse tempo todo. Observando você.

Atrás dela, no fundo do breu, um console adormecido despertou. Uma fileira de luzes vermelhas acendeu em silêncio, uma a uma, encarando as costas dela como uma boca abrindo os olhos. Nyra girou a cabeça, o facho cortando a escuridão em arcos tortos, o coração batendo alto no ouvido — e, pela primeira vez desde que se conheciam, a esfera de luz que era VESK tremeluziu ao seu lado com alguma coisa que só podia ser chamada de medo.



Muito longe dali, no trono da galáxia, um alarme que ninguém queria ouvir começa a tocar.

O salão é vasto e frio: terraços concêntricos de ouro, grafite e branco, estátuas de águias-solares altas como torres, um silêncio construído para durar dois mil anos e nunca ser interrompido. No alto de um pedestal que ninguém consultava havia gerações, uma luz de aviso antiga — apagada desde antes de qualquer memória viva — desperta e pulsa em vermelho, devagar, insistente, enchendo o salão imenso de um bater cardíaco que não pertence a nenhum coração ali. Ao fundo, uma única figura de manto ergue os olhos para a luz. E entende, antes de qualquer outro no Império, o que aquilo significa: que a mentira sobre a qual todo o poder foi erguido acabou de ganhar uma testemunha.

Numa nave morta, na borda do nada, uma salvadora endividada segura na palma da mão um estilhaço que ainda pulsa — só para ela — sem fazer a menor ideia do que colocou em movimento.

O que foi que ela acordou?



TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

II

A Cicatriz no Vazio

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

Nyra corria, e atrás dela o navio morto voltava à vida um corredor de cada vez.

As luzes de emergência acendiam em fileiras, vermelhas, mordendo o escuro nas suas costas — uma, outra, outra —, como olhos abrindo depois de um sono de séculos. Sem gravidade, correr era outra coisa: era empurrar e mirar, escolher a antepara certa para bater a mão, rezar para não errar o corredor e ir parar girando no meio de uma câmara. O facho da lanterna tremia no ritmo do fôlego dela dentro do capacete, embaçando o visor de leve a cada expiração. Em algum lugar às suas costas, sistemas que estavam desligados havia mais tempo do que ela era viva zuniam voltando ao ar, e ela não queria descobrir para quê.

Alcançou a *Andarilha*, selou o casco atrás de si e arrancou o elmo, engolindo o ar reciclado da própria nave como quem chega à superfície depois de mergulhar fundo demais. Devia ter sentido alívio. Não sentiu. Na palma da mão, o estilhaço ardia num ciano tão intenso que doía olhar, e não era só luz.

— Ele está gritando — disse VESK. A esfera de luz pulsava fora de compasso, agitada. — Em dobra-rádio, em banda imperial, em frequências que eu não tenho nome para dar. Nyra, isso não é um sinal fraco escapando de um cristalzinho. Isso é um farol. Se existe um relé funcionando neste setor, metade da galáxia acabou de saber exatamente onde a gente está.

Ela fechou a mão em torno do cristal como se pudesse abafá-lo. A luz vazou entre os dedos mesmo assim, desenhando ossos vermelho-ciano na pele. Não havia como silenciá-lo. Não havia como largá-lo naquele navio e fingir que nunca o vira — a coordenada apagada já estava gravada por trás dos olhos dela, e coisas assim, uma vez vistas, não desvêm. Só restava a única coisa que ela sabia fazer quando o mundo fechava as saídas.

Fugir.

— Prepara um salto — disse. — Qualquer coordenada limpa. Longe.

— Cada salto queima Écrion que a gente não tem e deixa rastro — lembrou VESK, já calculando, os números correndo pelos painéis. — Só para constar, no meu registro de objeções.

— Registra e salta.

A *Andarilha* rugiu, o velho núcleo de dobra sugando cristal precioso, e o vazio se abriu à frente como um corte numa cortina preta. A nave mergulhou. E, no lugar onde estive, ficou a cicatriz: uma fenda de luz ciano-branca arranhada sobre o preto das estrelas, brilhando por segundos longos demais antes de fechar. Nyra sabia o que aquilo era. Todo piloto da Franja sabia. Uma dobra não é uma porta que se fecha atrás de você; é uma ferida no espaço, e ela demora a sarar, e enquanto não sara qualquer um com o instrumento certo pode ler para onde você foi. Ela tinha trocado o farol na mão por um rastro no escuro. Não era uma troca. Era só adiar a conta.



No trono de Aurox, o alarme ganha um nome.

O salão dourado está imóvel, e no centro dele aquela luz vermelha antiga pulsa como um coração que ninguém queria ver bater de novo. Uma figura alta e magra atravessa os terraços concêntricos, a gola preta erguida, o passo sem pressa de quem nunca precisou correr atrás de coisa alguma na vida. Sob a bota, o piso de pedra polida devolve o vermelho do alarme em lascas. O Império acaba de soltar seu caçador, e o caçador não tem pressa porque a presa, para ele, já é um fato consumado — só falta acontecer.

Ele se chama Vharo Sith. Inquisidor do Olho. Sobre o olho direito, um implante ocular brilha num fio de vermelho seco, frio, cirúrgico, girando devagar como uma lente que nunca para de medir. Ele não serve à Legião, que quebra coisas com fogo. Serve ao Olho, que faz pior: apaga. Registros, nomes, mundos. Gente que lembrou o que não devia. A ordem que ele carrega agora é velha como a mentira que jurou proteger — achar o cristal, e apagar quem o tocou —, e ele a recebe sem uma única pergunta, porque perguntas são o começo de todo apagamento, e ele conhece esse começo melhor que ninguém.



Escondida no escuro morno de um sistema qualquer, motores em silêncio, Nyra recebeu a mensagem de um desconhecido.

Uma silhueta encapuzada tremeluziu em azul sobre o console, o rosto velado por uma máscara translúcida, a imagem picotando com o atraso de quem falava de muito longe através de relés que não eram os oficiais. A voz veio baixa, sem pressa, quase gentil demais para o que dizia:

Você acordou. Agora eles vêm.

Nyra não conhecia aquela voz. Não confiava nela — não confiava em muita coisa, e menos ainda em desconhecidos que sabiam seu nome e a encontravam num sistema onde ela mesma não sabia que ia parar. Mas havia na quietude do estranho a mesma quietude errada do casco morto, aquele peso de quem guarda um segredo há tempo demais, e isso a fez ouvir até o fim.

Existe um só lugar em toda a galáxia onde o Império não pode te seguir, disse o véu. O mundo que eles apagaram. Corra para a coordenada. É o único chão que o Trono jura que não existe — e é por isso que é o único onde você ainda pode existir.

E a coordenada acendeu no ar, piscando no exato ponto onde os mapas da nave insistiam em mostrar vazio. O mesmo ponto que o estilhaço tinha desenhado no casco morto. Na mão de Nyra, o cristal pulsou de novo, devagar, como quem concorda.

A um sistema dali, num mundo escuro sem nome, um segundo Marco acende. Outra montanha de escuridão risca a primeira veia de luz na própria pele, e depois outra, e outra, o mesmo canto subsônico rolando por outra planície vazia. O despertar não era um acidente isolado, um cristal defeituoso, uma pedra teimosa. Era uma maré. E a maré estava subindo em toda a costa ao mesmo tempo.

Nyra olhou a coordenada do mundo que não deveria existir. Olhou a chave que não pedira e não sabia largar. E sentiu, fria na nuca, o peso da pergunta que não tinha coragem de fazer em voz alta.

Até onde vai?



TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

III

O Mundo que Não Existe

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

Nyra saltou para a coordenada apagada esperando encontrar o nada. Encontrou um mundo inteiro.

A *Andarilha* emergiu da dobra com o solavanco de sempre, e por um segundo os sensores insistiram no que a doutrina imperial mandava: não há nada aqui. Vazio classificado. Siga adiante. Então os olhos de Nyra discordaram. Onde as cartas juravam existir só escuridão, um planeta girava logo abaixo, meio embrulhado numa mortalha translúcida que tremeluzia como calor subindo de asfalto, deixando escapar pelas frestas um brilho ciano fraco, como uma brasa sob a cinza. Alguém tinha envolvido um mundo inteiro num lençol para que ninguém o enxergasse. E tivera dez mil anos para apertar o nó.

— Os sensores dizem que estou olhando para o vácuo — murmurou VESK. — Eu me recuso a processar essa contradição sem pelo menos uma reclamação formal.

— Desce — disse Nyra. — Devagar.

Vhorren. Era o nome que o estilhaço sussurrava, não em palavra, mas em certeza — daquele jeito que ela já estava aprendendo a temer, o cristal plantando uma verdade na cabeça dela como se sempre tivesse estado lá. A nave furou a mortalha e a névoa, e *Vhorren* se abriu por baixo: um mundo de selva bioluminescente, úmida, respirando luz baixa, folhas do tamanho de velas soltando um brilho azul-esverdeado no ar carregado. O céu era cor de pérola. Chovia fino, uma garoa morna que escorria pelo casco e apagava o cheiro de ozônio do salto. Entre as ruínas de pedra da clareira — colunas tombadas, arcos que ninguém erguera para gente do tamanho de gente —, silhuetas encapuzadas a esperavam. Imóveis. Mantos cinza-esverdeados, máscaras de véu translúcido, símbolos gravados que imitavam uma escrita que não era de nenhum império vivo e reluziam devagar na penumbra.

A Ordem do Véu. *Nyra* tinha ouvido o nome cuspidor como xingamento em bocas imperiais — hereges, fanáticos, adoradores de pedra. Nenhum deles parecia surpreso de vê-la. Pareciam aliviados, e isso a assustou mais do que armas apontadas assustariam.

Uma delas baixou a máscara. Pele morena e quente, marcas rituais de prata desenhadas nas maçãs do rosto e na testa, olhos calmos e intensos que carregavam um cansaço que não era de uma noite mal dormida, mas de anos.

— Sou a Irmã *Caelith* — disse, a voz macia como quem fala dentro de um templo para não acordar o que dorme. — Esperávamos por alguém a quem o cristal respondesse. Há quinze anos.

Quinze anos.

O número acertou Nyra num lugar sem defesa, um soco que ela não viu vir. Quinze anos desde que aquele mundo fora arrancado dos mapas. E o mesmo tempo, quase à data, desde que uma porta se fechara no centro dela e nunca mais se abrisse — desde que a órbita de Dunmar devolvera o corpo do irmão num "acidente" que ninguém investigou e todo mundo aceitou, porque investigar acidentes na Franja é o tipo de curiosidade que vira o próximo acidente. Ela tinha dezessete anos. Guardava a echarpe azul de Toma sob a gola desde então, como quem mantém uma brasa acesa só para não esquecer que já houve fogo. Por um instante, o assombro no rosto dela cedeu lugar a algo mais fundo, e mais antigo, e mais dela.

— O cristal não é um mapa — continuou Caelith, e ergueu o estilhaço à luz úmida da selva, entre o rosto dela e o de Nyra. Atrás dela, brotando da neblina, uma montanha negra semidesperta reluzia com linhas ciano subindo pela pedra, geométricas, vivas. — É uma chave. Guardada, escondida, passada de mão em mão pela Ordem por gerações, esperando a mão a que pertencia. E o Marco — apontou a montanha com o queixo — é a fechadura.

Nyra abriu a boca. Tinha mil perguntas empurrando umas às outras para sair primeiro: o que era Vhorren, por que ela, o que tinha o irmão com aquilo, quem eram aqueles hereges de olhos tristes. Não chegou à primeira.

O céu rasgou.

A mortalha se abriu de alto a baixo em fios de luz desfiando, e por ela desceram cascos de grafite e ouro frio, motores acesos em vermelho, descendo como facas jogadas de cima. A frota do Olho furara o véu. O mundo apagado — invisível por dez mil anos, protegido por dez mil anos — acabava de ser visto, e a coisa que o via não vinha para se maravilhar.

O rádio da *Andarilha* estalou. Uma voz encheu a cabine, calma, quase paciente, e Nyra soube de quem era antes de qualquer apresentação, porque só uma coisa fala com aquela serenidade: o que já decidiu o seu fim.

Eu apaguei este mundo uma vez, disse Vharo Sith. Apago de novo.

O Marco explodiu em luz cega. Naves imperiais desciam contra o brilho ciano, silhuetas douradas mergulhando num mar de fogo azul, e Nyra ficou ali, pequena diante de uma fechadura que ela ainda não sabia abrir, entre os hereges que a esperavam havia quinze anos e o homem que apagara seu mundo — talvez o mesmo homem, ela pensou de repente, gelada, que apagara seu irmão —, ouvindo a pergunta rolar pela selva em chamas.

O que o Império faz com quem lembra?



TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

IV

A Fechadura Desperta

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

A frota do Olho despejava fogo sobre Vhorren, e o santuário do Véu queimava.

O plasma chovia do céu cor de pérola em linhas retas e vermelhas, e onde tocava a selva bioluminescente respondia em explosões e brasas suspensas na névoa, folhas incandescentes subindo devagar na garoa como vaga-lumes ao contrário. Séculos de silêncio protegido acabavam em minutos. Os Irmãos do Véu corriam entre as ruínas, mantos em chamas, alguns carregando o que dava para carregar, a maioria só correndo, e Nyra entendeu, no meio do caos, que aquela gente não tinha exército, não tinha frota, não tinha nada além de fé e de um segredo — e que os dois estavam ardendo ao mesmo tempo.

Caelith agarrou o braço dela com uma força que não combinava com a calma da voz.

— O cristal é a chave. O Marco é a fechadura. — Os olhos dela, vermelhos de fumaça, seguravam os de Nyra sem piscar, e havia neles uma certeza que assustava mais do que o fogo. — Você sente o que ele quer. Eu sei que sente. Abre, Nyra, ou morremos todos aqui, e o mundo se apaga de novo. Dessa vez sem ninguém para lembrar que existiu.

Nyra olhou a montanha negra erguendo-se sobre a selva em chamas, as linhas ciano já subindo por ela como veias sob a pele de um gigante prestes a acordar. A vida inteira ela cravara ferramentas em cascos mortos para arrancar o que sobrava. Nunca cravara nada numa coisa que talvez estivesse viva. Não teve tempo de decidir se acreditava em Caelith. O tempo era um luxo que estava queimando junto com tudo o mais.

Segurou o estilhaço com as duas mãos e o enterrou na superfície da pedra.

A luz explodiu do ponto de contato. Veias ciano dispararam pela pele do Marco, geométricas, exatas, acendendo a montanha inteira de dentro para fora, e um som subiu com elas — não pelos ouvidos, mas pelos ossos, pelos dentes, pelo peito, um tom baixo demais para ouvir e grave demais para ignorar. O canto. Nyra sentiu-o subir pelas botas, pelas pernas, e por um segundo teve a impressão de que a montanha reconhecia a mão dela como o cristal reconhecera, como se o mundo inteiro estivesse dizendo *finalmente*.

E então o impossível. A pedra se abriu. Não rachou — abriu, como uma porta que sempre soubera ser porta e apenas esperava, revelando um portal de luz ciano-branca rodopiando sobre si mesma, funda e sem fundo ao mesmo tempo. A Teia. A rede primeva de travessia que o Império jurava ser mito, morta havia dez mil anos, respirando de novo diante dos olhos de uma salvadora endividada e de uma freira herege, no meio de um mundo em chamas.



Da ponte de um couraçado, no alto, Vharo Sith vê.

O rosto frio do Inquisidor, sempre exato, sempre medido, se quebra num vinco de puro terror. O que o Império jura ser superstição — a mentira que ele passou a vida executando com o próprio implante, apagando cada alma que chegou perto demais dela — acaba de abrir, enorme e inegável, à frente dos seus dois olhos, o de carne e o de luz vermelha. Por um segundo, o caçador não é um caçador. É apenas um homem diante de um deus que lhe garantiram que não existia. E, mais fundo do que o medo, cresce outra coisa, pior: a certeza de que agora há mais uma testemunha no universo. Ele mesmo.



— Corre! — gritou Nyra.

Ela, Caelith e a esfera fragmentada de VESK mergulharam no portal enquanto a Legião despejava tiros de plasma pelas suas costas, silhuetas de armadura negra disparando através da fumaça, o vermelho dos feixes rasgando o ciano da luz. Nyra sentiu o calor de um deles passar rente à orelha. E então a luz os engoliu, e não houve mais calor, nem som, nem chão.

Lá dentro, a galáxia se dobrou. Um túnel de espaço enrolando-se sobre si mesmo, estrelas e geometria curvando-se ao redor de três pontos minúsculos — duas mulheres e uma esfera de luz — suspensos numa velocidade que o corpo não sabia sentir e num silêncio tão completo que Nyra ouviu o próprio sangue. Não havia dor. Não havia tempo. Havia só a Teia decidindo, com uma lógica de dez mil anos, para onde levá-los.

E então eles surgiram do outro lado.

Onde não deviam. Num lugar que não deveria existir: uma câmara primeva colossal, escura e intacta, arquitetura de negro absoluto que engolia a luz do jeito que os Marcos engoliam, cortada por linhas ciano vivas pulsando devagar nas paredes imensas, como veias num corpo adormecido que não sabia que tinha visita. Não havia poeira de colapso. Não havia ruína. Havia silêncio, e escala, e a sensação insuportável de terem entrado num quarto de onde alguém saiu correndo e nunca mais voltou. Nyra, Caelith e VESK pousaram no chão daquele silêncio antigo, pequenos demais para o tamanho do que os cercava, e nenhum dos três teve coragem de ser o primeiro a falar.

Onde a Teia leva?

TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

V

Do Outro Lado

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

Eles emergiram de outro Marco, e o silêncio ali era diferente. Mais antigo.

Nyra já conhecia muitos tipos de silêncio. O do espaço, que é só ausência, o nada limpo entre as estrelas. O dos cascos mortos, que é ausência com história, o silêncio que ainda guarda a forma da última tripulação. O que ficou no lugar do irmão, que tinha contorno exato e não saía nunca. Este era outra coisa ainda. Um silêncio que pressionava os tímpanos por dentro, como se o próprio ar guardasse um segredo havia tempo demais e o segurar tivesse virado peso, virado matéria. Quando ela respirava, tinha a impressão de estar sendo indiscreta.

Ela e Caelith estavam minúsculas na base de um monólito negro colossal, dentro de uma câmara tão vasta que a luz das linhas ciano nas paredes se apagava no ar antes de encontrar um teto. A gravidade era estranha — quase certa, mas não exatamente, como pisar num convés que balança devagar demais para o olho perceber e rápido demais para o estômago ignorar. O material das paredes engolia a luz do jeito que os Marcos engoliam, e o pouco brilho que sobrava desenhava a poeira suspensa em feixes finos, poeira que não caía, que talvez não caísse havia dez mil anos.

— O Limiar — sussurrou Caelith, e a palavra saiu com reverência e medo colados um no outro. — A Ordem guardava este nome em confissões de moribundos, em versos que a gente decorava sem entender e repetia de geração em geração como quem guarda a chave de uma porta que ninguém nunca viu. — Ela tocou a parede com a ponta dos dedos, quase sem encostar, do jeito que se toca a testa de um doente. — Achávamos que fosse uma metáfora. Uma promessa. Não um lugar onde se pode botar a mão.

Não era ruína. Esse era o horror mais fino de tudo, o que subia pela nuca de Nyra devagar, frio. Não havia poeira de colapso, nem pedra caída, nem o abandono lento e quase digno de mil anos. O lugar parecia deixado na véspera — e, ao mesmo tempo, havia dez mil anos. Perfeito. Intacto. Uma mesa de onde alguém se levantou no meio da refeição e nunca voltou para empurrar a cadeira de volta ao lugar. Tudo esperava. Nada apodrecera. E o que não apodrece, quando devia, assombra mais do que qualquer ruína.

Nyra passou a mão enluvada por uma parede e parou.

Havia marcas ali. No meio da geometria impecável do resto do lugar — cada linha traçada com uma precisão que fazia a melhor engenharia imperial parecer garatuja de criança bêbada —, havia glifos ciano cavados às pressas, alguns por cima dos outros, alguns começados e riscados e refeitos, tortos, fundos demais num canto e rasos demais no outro. Eram a letra do pânico. Nyra não sabia ler primevo, não sabia ler nada daquilo, mas passara a vida inteira lendo os últimos minutos de tripulações mortas nos arranhões que elas deixavam nas anteparas, nas portas forçadas por dentro, nas mensagens começadas e não terminadas. Sabia reconhecer o instante em que gente para de fazer as coisas com capricho porque acabou de entender que vai morrer. E a verdade subiu por ela como água fria enchendo uma bota.

— Eles não sumiram — disse baixo, mais para a parede do que para Caelith. — A doutrina inteira do Império jura que os Primevos desapareceram sem deixar rastro, num piscar, num mistério limpo. Mentira. Olha isso. Eles fugiram. Com pressa. Empacotando o medo na parede porque não tinham tempo de fazer melhor.

Ao lado dela, VESK hesitou.

A esfera de luz sempre calma tremeluziu, engasgou, e por um instante seus padrões de linhas sincronizaram sozinhos com os símbolos antigos da parede, encaixando-se neles como uma chave entra numa fechadura que ninguém pediu para abrir. A voz dele saiu com mais microcortes do que o de costume, arrastada, sem o ferrão de sempre.

— Eu... conheço isto — disse VESK, e parou, como se a própria frase o tivesse pego de surpresa. — Não deveria. Não há registro em mim de ter estado aqui. Meus arquivos desse período estão corrompidos, foram sempre corrompidos, desde antes de você me comprar com a nave. E mesmo assim eu conheço este corredor. Sei o que tem no fim dele. E preferia não saber.

Nyra nunca o ouvira gaguejar. Em quinze anos, VESK fora a única voz constante da vida dela — a lata velha que reclamava dos saltos, calculava o impossível e nunca, jamais, vacilava. Vê-lo tropeçar na própria memória a arrepiou de um jeito que a câmara colossal não conseguira. Ela teve, por um segundo absurdo, vontade de protegê-lo, e não soube de quê.

O estilhaço na mão dela acendeu por conta própria e projetou um fio fino de luz, reto e firme, apontando fundo — para dentro de um corredor imenso que se estendia até um breu que nem as linhas ciano das paredes alcançavam.

— Isto foi só a primeira porta — disse Caelith, e não havia triunfo nenhum na voz dela. Havia o cansaço de quem esperou a vida toda por uma resposta e começa a temer que a resposta seja pior que a espera.

Foi quando o som chegou.

Baixo. Enorme. Vivo. Uma nota que Nyra sentiu antes nos ossos do que nos ouvidos, rolando do fundo do corredor, de onde as linhas ciano começaram a pulsar num ritmo que não era o das outras — mais lento, mais grave, com pausas, como algo grande virando de lado num sono que já durou demais. As duas mulheres congelaram no mesmo instante, sem combinar. Porque, se as marcas na parede diziam a verdade, se os Primevos tinham mesmo fugido de alguma coisa, então uma pergunta ficava de pé no escuro à frente delas, paciente: e se essa coisa nunca tivesse ido embora? E se tivesse apenas esperado, do outro lado de uma porta trancada por dez mil anos, que viesse enfim uma mão do tamanho exato para abri-la de novo?

Dez mil anos de silêncio. E, lá no fundo, alguma coisa acabava de responder.

O que foi que os Primevos temeram?



TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

VI

A Voz da Fenda

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

No fundo do Limiar, o som não era de pedra se movendo. Era algo acordando com fome.

Nyra e Caelith recuaram pelo corredor colossal, ombro a ombro, os rostos riscados pela luz ciano fria que subia das paredes, os ouvidos cheios daquela nota que crescia e se aproximava com uma paciência pior que a pressa. E então a escuridão do teto se desdobrou. Não caiu, não desabou — se desdobrou, peça somando-se a peça, como um punho que estava fechado havia dez mil anos abrindo os dedos um a um. Uma forma desceu do breu: uma sentinela primeva, segmentos de metal negro-obsidiana flutuando soltos no ar, sem eixo, sem junta, presos uns aos outros por campos de energia ciano que estalavam como faíscas de solda. No centro de tudo, um olho de luz varria o chão para frente e para trás, devagar, metódico, sem raiva e sem pressa. Dez mil anos sozinha naquele escuro, com uma única ordem restando na memória e apodrecendo dentro dela, corroendo-se a cada milênio até sobrar só o osso da instrução: eliminar invasores.

E, para a máquina, depois de tanto tempo, invasor era qualquer coisa que respirasse.

Nyra correu. Mas o chão do Limiar não cumpria acordo nenhum com a física. A gravidade oscilava sob os pés dela — pesada, depois nenhuma, depois pesada de novo, num soluço que embrulhava o estômago e transformava cada passo numa aposta cega. Destroços boiavam e caíam sem lógica ao redor, subindo quando deviam descer. Ela deu um passo que virou salto, o salto virou voo, e ela teve de agarrar uma saliência da parede para não continuar subindo até o teto invisível. Caelith a puxou pelo braço com uma força de camponesa, arrancando-a do lugar um instante antes de o facho da sentinela cruzar exatamente o ponto onde a cabeça dela estivera. O ar chiou onde a luz passou.

— VESK, fala com essa coisa! — gritou Nyra, a voz esganiçada dentro do próprio fôlego. — Você reconhece este lugar, então reconhece isso também, faz alguma coisa, qualquer coisa!

A esfera tentou. Deslizou até um terminal aceso na parede, mergulhou nos glifos que corriam por ele — e recuou aos espasmos, tremeluzindo em estática violenta, faíscas de luz saltando dele e do console ao mesmo tempo, como dois animais que se tocam e levam choque. A máquina falava numa língua velha demais até para VESK, e cada palavra dela entrava nele como uma sobrecarga, forçando circuitos que já vinham corrompidos de origem, avivando exatamente os buracos que ele passara a existência inteira tentando contornar. VESK, a voz mais firme que Nyra conhecia no universo, soltou um ruído que ela nunca tinha ouvido em quinze anos: algo entre a estática e a dor, um som que uma máquina não deveria ser capaz de fazer.

— Sai daí! — gritou ela. — VESK, larga isso!

Elas recuaram até não haver mais para onde recuar. À frente, sem aviso, a borda de um abismo interior se abria no chão da câmara — um poço vertical, largo como uma cratera, cortado por veias de luz que desciam e se perdiam num fundo que não tinha fundo. Atrás, a sentinela descia, sem pressa, o olho aceso mirando, porque máquina não tem pressa, máquina tem eternidade e sabe disso. Encurraladas entre a queda e a ordem. A única saída era um salto no vazio — e Nyra tinha saltado no vazio a vida inteira, mas sempre com uma nave esperando do outro lado, sempre com uma dívida a pagar que a obrigava a voltar viva. Nunca sem rede. Nunca só para o escuro, sem promessa de chão.

Foi quando um rastro de luz verde rasgou a cúpula do Limiar.

Uma nave preta e afiada furou o alto da câmara — que não era teto, era uma membrana de material primevo translúcido, e ela a atravessou como um punho atravessa gelo fino — motores cuspidos verde, cacos girando em todas as direções na gravidade doida. Mergulhou, virou de lado numa manobra que nenhum piloto de bom senso tentaria dentro daquele lugar, e travou no ar a poucos metros das duas, os propulsores rugindo para segurar contra a gravidade que subia e descia. Uma escotilha se abriu no flanco do casco. De dentro, recortado contra o brilho verde-frio dos painéis, um homem estendeu a mão enluvada — jaqueta de couro escuro, olhos verdes, um meio-sorriso confiante que não tinha o menor cabimento no meio daquele inferno e que, talvez por isso mesmo, era estranhamente convincente, como uma piada contada num velório.

— Entrem — disse ele —, se quiserem viver.

Nyra hesitou meio segundo. Conhecia aquele tipo de sorriso. Já o vira em cem mesas de Porto Ruína, no rosto de gente que te arranca de um buraco e depois te apresenta a fatura do resgate, com juro que crescem enquanto você agradece. Corsário — dava para ler no casco sem selo, na manobra boa demais, na calma errada. E viu, sob o encanto, o olhar dele deslizar rápido — só um instante, mas rápido demais para ser inocente — para o estilhaço ciano apertado contra o peito dela, e ficar ali um tempo longo demais antes de voltar aos olhos dela.

Ela ainda não sabia o nome — Valen Kor —, mas já sabia o tipo. O preço de gente assim nunca vinha escrito na porta. Vinha depois, no meio do salto, quando não dava mais para descer.

O que Nyra vai entregar?



TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

VII

Aliança Desgastada

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

Abordo do *Vento Sombrio*, o ar cheirava a ozônio e desconfiança.

A nave de Valen Kor era tudo o que a *Andarilha* não era: rápida, afiada, cara. Onde a casa de Nyra tinha remendos de solda e cheiro de chá, aquela tinha painéis limpos e o brilho verde frio de instrumentos que custavam mais do que ela devia. Mesmo assim, havia uma bagunça de contrabandista por todo canto — caixas sem selo, um cheiro de fumo adocicado, marcas de queimadura numa antepara que ninguém se dera ao trabalho de explicar. Nyra ia no banco do passageiro sem largar a chave, os dedos fechados sobre o brilho ciano como quem segura a própria pulsação, e não tirava os olhos das mãos de Valen no comando.

Salva do Limiar, sim. Livre, não. Só tinha trocado uma jaula de pedra por uma jaula com motor e um sorriso bonito.

— Sabe quanto vale essa coisa que você tá abraçando? — Valen não olhou para ela; olhou para o cristal, e olhou do jeito que um faminto olha para um prato alheio. — No mercado negro do Concórdio, um estilhaço primevo de verdade compra um sistema. Planeta, lua, e o imposto de todo mundo que mora neles. Já vi corsário matar irmão por um caco que não brilhava nem metade.

— Não tá à venda.

— Tudo tá à venda, salvadora. — O meio-sorriso. — Só falta o preço combinar com a necessidade. E, pela cara de quem eu tirei de um buraco há uma hora, a sua necessidade tá alta.

Nyra virou o rosto para ele devagar. Aprendera cedo, em Dunmar, que com esse tipo de homem não se ganha discutindo o preço. Ganha-se mudando o que está à venda.

— Essa chave não abre cofre — disse. — Abre um Marco. — Apontou com o queixo para o mapa que flutuava verde entre os dois, um ponto escondido lá na Fenda, cercado de anomalia. — Um caminho de saltar sem depender do Trono. Sem pagar Écrion a ninguém. Sem pedir licença ao Império pra atravessar a própria galáxia. Você entende o que isso é, Kor? Não é um sistema. É o fim da coleira. A sua também.

O meio-sorriso hesitou pela primeira vez. Valen ficou quieto, os olhos verdes indo do mapa para o cristal e do cristal para o rosto dela, e por um instante ela viu o contrabandista dar lugar a outra coisa mais perigosa: um homem calculando se acreditava.



A milhões de anos-luz dali, a soberana d'A Coroa escuta o silêncio quebrar.

A Heliarca Sovrenn Vael está de pé diante de uma janela do tamanho de uma catedral no salão dourado de Aurox, e lá fora a capital arde em ouro e branco sob dois mil anos de ordem sem falha. Cabelos de prata fria presos com rigor militar, manto bordado com a águia-solar, o rosto severo de quem governa há tempo demais para se assustar com qualquer coisa. Mas ela se assusta com esta. Ajoelhado nos degraus abaixo do trono, o implante vermelho ardendo baixo no salão em penumbra, Vharo Sith traz o relatório que dois mil anos de Império foram construídos para nunca precisar ouvir: a Teia respondeu. O mito se levantou. Os rebeldes abriram uma porta que a doutrina jurava não existir.

A Heliarca não hesita. Governar sobre uma mentira exige, acima de tudo, a coragem de nunca duvidar dela em público. Ela ergue a mão enluvada de ouro e aponta para baixo, para o mapa da galáxia projetado aos seus pés, e a ordem sai fria, redonda, absoluta, enquanto fileiras de soldados da Legião se perfilam nas sombras como estátuas que aprenderam a respirar:

Fechem as rotas de Écrion. Bloqueiem a Franja inteira. Que nenhuma nave salte sem a permissão do Trono — nem que a galáxia toda fique sem combustível e aprenda, no escuro, de quem é o poder de acender a luz.



No *Vento Sombrio*, luzes vermelhas de aviso começaram a piscar.

Valen se debruçou sobre o console, os dedos correndo, o sorriso sumido de vez.

— Isso não é bom — disse baixo. — Não é nada bom. — Puxou uma leitura, e a leitura o fez xingar entre dentes. — Estão fechando o setor. Todo ele. Nosso rastro de dobra deixou uma cicatriz no escuro quando fugimos, e eles seguiram a cicatriz até aqui. Isso não é patrulha, salvadora. Isso é bloqueio de guerra.

Do outro lado do vidro, couraçados imperiais brotavam de dobras espaciais um após o outro, cascos de ouro frio surgindo do nada e se alinhando, murando o céu estrela por estrela, fechando cada rota limpa como quem tranca portas numa casa em chamas. Nyra procurou uma saída no mapa e achou uma só. Valen a achou no mesmo instante, e ela viu no rosto dele que ele gostaria de não ter achado: uma nuvem colossal de gás roxo e azul-cobalto, girando devagar, rasgada por relâmpagos de estática, entupida de asteroides e de destroços de mil naufrágios. A Fenda. O cemitério de naves da galáxia. Nenhum piloto são entrava ali de propósito, e os que entravam nem sempre saíam inteiros — ou saíam.

Valen olhou para ela. Nyra olhou para a chave na mão.

Com a Legião selando cada estrela, a única porta que restava aberta dava para o inferno.

Eles vão entrar na Fenda?



TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

VIII

No Coração da Fenda

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

A Fenda engolia a luz.

Ali dentro, o espaço não se comportava como espaço. Dobrava-se sobre si mesmo em correntes de estática roxa, e a poeira estelar brilhava de dentro, densa como fumaça iluminada, riscada por relâmpagos silenciosos que estouravam sem trovão e morriam sem eco. Formas escuras derivavam na névoa: asteroides do tamanho de luas, girando devagar, e cascos de naves mortas havia gerações — alguns imperiais, outros de bandeiras que nem existiam mais, corsários velhos, cargueiros esquecidos, todos calados, todos boiando na mesma correnteza sem fundo. Em algum lugar lá dentro, Nyra sabia, ficava Porto Ruína, a cidade que os corsários soldaram com cascos de dreadnought uns nos outros, com seus túneis de metal e neon e seus hangares escondidos atrás de campos de entulho. Mas eles não iam para Porto Ruína. Iam mais fundo, para onde nem os corsários gostavam de ir.

O *Vento Sombrio* deslizava entre os mortos como um peixe no fundo de um mar sem sol, e a gravidade caótica da região puxava a nave em soluços, testando o estômago de todo mundo a bordo. Valen desligou os motores principais. O silêncio que caiu na cabine foi quase pior que o barulho — só o tique dos cascos esfriando e a respiração contida de três pessoas.

— Aqui, sensor mente — disse ele, baixo, as duas mãos nos propulsores de manobra, guiando a nave pelo toque como quem conduz um cavalo assustado no escuro. — A Fenda cega instrumento imperial e cega o meu junto. Quem navega isto navega de instinto, e instinto só te mata quando você já tinha merecido de qualquer jeito. Fica quieta e me deixa ouvir a nave. — O suor escorria pela têmpora dele, e Nyra reparou que o sorriso de contrabandista tinha ficado do lado de fora da Fenda, junto com a bravata e a piada pronta. Ali dentro, Valen Kor era só um homem muito bom no que fazia, com muito medo de errar.

Porque atrás deles, a nave de Vharo Sith não caçava com sensores comuns.

O casco cinza e ouro do Inquisidor surgia em silêncio da poeira roxa, faróis varrendo a névoa em leques lentos, e não procurava metal, nem calor de motor, nem cicatriz de dobra. Procurava outra coisa, mais fina, impossível de desligar por mais que se apagassem os sistemas. Rastreava o pulso deles. O medo. A chave. Valen podia matar os motores, podia prender a respiração; ninguém apaga o próprio coração antes da hora. E o coração de Nyra, apertado sobre o cristal, batia como um tambor num quarto vazio.

Então a voz de VESK falhou.

A esfera de luz tremeluziu no centro da cabine e começou a se abrir — os anéis de glifos girando ao contrário, devagar, e depois cada vez menos devagar, projetando símbolos ciano trêmulos no teto de metal da nave. Um canto baixo saiu dele, e não era língua nenhuma que Nyra conhecesse, nem o chiado de uma máquina quebrando. Era estruturado. Tinha compasso, tinha pausa, tinha intenção. Ela chamou o nome dele duas vezes, e VESK não respondeu. Respondeu Caelith — e quando Nyra virou, viu que a Irmã tinha lágrimas escorrendo pelos olhos calmos e as mãos erguidas na direção da esfera, no mesmo gesto que Nyra só tinha visto os hereges fazerem diante do Marco em Vhorren.

— Eu conheço esse canto — disse Caelith, a voz partida ao meio.
— Nós cantamos ele na Ordem, de cor, sem entender uma sílaba, passado de boca em boca por gerações como uma reza que ninguém sabe traduzir. — Ela olhou para Nyra, e havia assombro e pena no mesmo olhar. — VESK não é uma IA de bordo qualquer, Nyra. Nunca foi. Ele foi feito dos restos deles. Dos Primevos. Você comprou, junto com uma nave velha e barata, um pedaço vivo do fim do mundo. E ele guardou você esse tempo todo.

E então VESK sussurrou, com uma voz que era a dele e não era mais só a dele, uma memória que esteve dentro dele por dez mil anos e só agora encontrava a fresta por onde sair:

Eu vi a frota queimar. O Grande Silêncio não foi uma escolha. Foi uma barreira.

Nyra ficou sem chão. O rosto banhado pelas projeções ciano trêmulas, ela entendeu de uma vez o que vinha adiando entender desde o Limiar: a única voz em quem confiara a vida inteira, a lata velha que resmungava dos saltos e a acordava com sarcasmo, era mais antiga que o Império, mais antiga que a mentira que o sustentava, mais antiga que tudo aquilo que os caçava. E carregava, nos próprios buracos de memória, o segredo pelo qual todos eles estavam prestes a morrer.

À frente, a poeira roxa se abriu como uma cortina puxada de lado, e o cemitério apareceu.

Milhares de cascos primevos flutuando em silêncio absoluto. Cascos negros de geometria impossível, sem juntas, sem cicatrizes de batalha, sem um arranhão — apenas desligados, todos, no mesmo instante, havia dez mil anos, como se uma mão só tivesse apagado uma galáxia inteira de uma vez. Um túmulo do tamanho de um sol, e nenhum daqueles mortos jamais chegaria a saber que guerra os matou. E no meio deles, sozinho, erguendo-se acima do campo de naufrágios como uma lápide grande demais para qualquer luto, um Marco gigante começou a acender, veias ciano rasgando a pedra escura de baixo para cima — no exato instante em que a nave de Vharo Sith saiu da névoa logo atrás, perto demais, os faróis fixos neles, pronta para o bote.

O Inquisidor tinha achado a coordenada. E agora sabia que ela levava a isto.

De quem é a Fenda agora?



TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS

IX

O Preço da Memória

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

A Legião invadiu a nave de Valen.

Ganchos de abordagem morderam o casco do *Vento Sombrio* com um estrondo que sacudiu a nave inteira, e em segundos o corredor se encheu de tiros de plasma vermelho e de fumaça de fusível queimado, aquele cheiro acre de metal e ozônio que gruda na garganta. Soldados da Legião avançavam em formação, armaduras negras, viseiras acesas em vermelho como brasas, disciplinados até no jeito de matar. Valen respondia de trás de uma antepara, o rosto iluminado em lampejos pelos disparos, xingando entre um tiro e outro, e Nyra viu na cara dele o que ele não disse: não dava para segurar. Não ia dar. Eram muitos, e eram treinados, e vinham com todo o peso de dois mil anos de Império atrás de cada passo.

Caelith foi a primeira a entender o que aquilo exigia.

Do lado de fora da escotilha interna, no trecho de corredor que já ardia, ela agarrou o mecanismo pesado e o fechou com o próprio corpo, trancando a passagem entre os soldados e o resto da nave. Através da janelinha de vidro reforçado, os olhos calmos encontraram os de Nyra pela última vez. As marcas de prata no rosto dela brilhavam à luz vermelha das descargas. Havia um sorriso ali — pequeno, inteiro, sem um grama de medo, o sorriso de quem esperou a vida inteira para saber para que servia e acabou de descobrir.

— Seu caminho é abrir as portas — disse Caelith, a voz abafada pelo vidro e pelo estrondo. — Sempre foi. O meu termina aqui, e está tudo bem que termine. Vai, Cartógrafa. Abre.

Nyra gritou. Bateu no vidro com o punho, procurou a trava, gritou de novo o nome dela como se o nome pudesse desfazer o que estava acontecendo. Do outro lado, Caelith apenas segurou a porta, e não desviou o olhar, e não parou de sorrir. Valen agarrou Nyra por trás e a arrancou dali, arrastando-a pelo corredor escuro para longe do fogo — porque não havia tempo de salvar quem já tinha escolhido morrer, e porque, se Nyra ficasse, a escolha de Caelith teria sido por nada, e algumas mortes só têm sentido se a gente tiver a decência de deixá-las contar. Nyra ia sendo puxada com a mão ainda estendida para a escotilha, lágrimas e horror no rosto, enquanto o fogo laranja engolia a Irmã que a esperara por quinze anos.

A trava cedeu. Vharo Sith entrou pela fumaça, sem pressa, o implante vermelho brilhando frio, e passou por cima do corpo caído no chão de metal sem baixar os olhos. Um obstáculo a menos. Nada mais. Para o Olho, gente não morre; gente é apagada, e o que se apaga não merece um olhar.

Nyra correu até o pedestal do Marco.

Com as mãos tremendo, cega de lágrima e de raiva, cravou a chave no receptor no centro da pedra negra. As veias ciano dispararam na hora, incendiando a estrutura colossal de dentro para fora, e o Marco da Fenda despertou num rugido subsônico que sacudiu o cemitério inteiro de naves mortas, empurrando destroços para longe em ondas. Mas ele não abriu só o portal.



No ar, uma projeção azul imensa se ergue do monólito: um sistema estelar morrendo, glifos primevos girando devagar em torno dele, o aviso que uma civilização inteira gravou na pedra e que a galáxia depois escolheu esquecer.

Nós não sumimos, diz a mensagem, na voz coletiva de gente havia muito morta. Nós fechamos as portas. Selamos a Teia por dentro. Porque ela nos caçava, e não havia arma, e não havia fuga a não ser deixar de existir onde ela pudesse nos alcançar.

E sobre o holograma da galáxia, uma sombra cresce. Uma silhueta colossal, sem forma fixa, passando por cima das estrelas como uma mão que se fecha, e onde ela passa as estrelas se apagam, uma a uma, sopradas como velas num aniversário que ninguém queria comemorar.



Nyra ficou paralisada, a luz instável da projeção tremendo nos olhos arregalados. Tudo convergiu de uma vez, insuportável: Toma na órbita de Dunmar, Caelith atrás do vidro, o mundo apagado, o casco morto, o cristal que a escolhera. Quinze anos de perguntas que ninguém quis responder, e a resposta era esta — a pior de todas. Ela não abria um cofre de tesouro. Não libertara ninguém. Talvez tivesse feito o contrário do que todos os mortos ao redor morreram para conseguir. A porta que ela acabara de escancarar podia ser exatamente aquela que os Primevos se apagaram do universo para manter fechada.

O que os caçava está vindo?

TEMPORADA UM · O DESPERTAR DOS MARCOS · FINAL DE
TEMPORADA

X

O Canto da Fenda

CRÔNICAS DO IMPÉRIO GALÁCTICO

Com a Legião cercando a plataforma e Caelith morta, Nyra não tinha mais para onde fugir.

Ela estava de pé, exausta, ao pé do Marco colossal que ardia em ciano no coração da Fenda, o canto subsônico da pedra subindo pelas botas e misturando-se ao tremor das próprias pernas. Ao redor, soldados da Legião fechavam um cordão de armaduras negras, armas apontadas, viseiras vermelhas fixas nela como uma constelação de pontos de mira. Ao lado, Valen mantinha as duas pistolas erguidas, sabendo tão bem quanto ela que era um gesto sem futuro — dois canos contra um exército, no meio de um cemitério, sob uma nuvem que comia luz. Fumaça e ruína. Fim de linha, dizia tudo naquele lugar. Fim de linha.

Vharo Sith avançou pelo escuro, o implante vermelho aceso, e estendeu a mão de metal.

— Renda-se, salvadora. — A voz era quase gentil, e por ser quase gentil era a coisa mais assustadora que ela ouviria naquele dia. — O que está morto deve continuar apagado. Você não fez nada que não possa ser desfeito. Ainda. Me entregue a chave, e eu apago só o necessário. — Uma pausa, e algo que num outro homem seria compaixão. — É o máximo de misericórdia que o meu ofício conhece.

Nyra olhou a mão estendida do caçador. Olhou o estilhaço na outra mão, pulsando quente demais, instável, tão perto do limite que a luz dele já estalava entre os dedos dela como faísca buscando o chão. E pensou em Toma, e pensou em Caelith, e pensou em todos os que o Império apagara para que homens como aquele nunca precisassem estender a mão de verdade. E fez a única coisa que sempre soube fazer quando o mundo fechava todas as saídas: correu o risco alto demais.

— Guarda a tua misericórdia — disse. — Eu não acho tesouro. Acho o que sobrou. E sobrou isso.

Apertou a chave contra o soquete do Marco e forçou a ressonância muito além do limite.

O cristal sobrecarregou. Arcos de raio ciano estouraram da mão dela e correram pela pedra negra, e por um instante Nyra foi o centro de uma tempestade — a luz subindo pelo braço, pelo ombro, cegando tudo. E então a tempestade saiu dela. Um pulso de energia azul explodiu do Marco para fora em todas as direções, e a Fenda inteira rugiu. A onda varreu o cemitério: os núcleos de dobra dos couraçados imperiais morreram no ar, cascas de luz e faísca estourando pelos cascos, escudos caindo, sensores cegando de uma vez, naves gigantes emudecendo como brasas jogadas na água. Dez mil anos de energia represada, descarregados num único berro.

Os implantes de Vharo Sith estouraram em estática. O caçador levou a mão ao rosto e caiu de joelhos no escuro, o olho vermelho cuspidando faíscas azuis e fumaça branca, cego — pela primeira vez em décadas, o homem que apagava os outros ficou às cegas no próprio escuro.

— Agora! — gritou Valen.

Os dois correram para a escotilha do *Vento Sombrio*, escorregando na plataforma tremendo. Os motores acenderam em verde, e a nave disparou reto para dentro do portal ciano do Marco, um risco de luz cortando a poeira roxa e o silêncio dos mortos. O portal os engoliu, e se fechou atrás deles como uma boca.

E a nave surgiu num céu que nenhum mapa jamais conhecera.

Uma galáxia sem nome se abriu diante do vidro. Nebulosas de cores que não tinham palavra em nenhuma língua da Franja, sóis gêmeos ardendo baixo no fundo, uma imensidão bela e aterrorizante onde o Império não tinha bandeira, nem rota, nem relé, nem coleira. Silêncio. Pela primeira vez em quinze anos, Nyra Solvane não devia nada a ninguém, não tinha um número vermelho piscando no antebraço, não tinha para onde correr porque não havia de quem fugir. E não fazia a menor ideia de onde estava, nem de como voltar, nem se voltar era possível — e, mais fundo, se voltar era uma coisa que ela ainda queria.



Mas n'A Coroa, a Heliarca vê o desastre.

Sovrenn Vael está de pé à janela imensa do palácio de Aurox, e no horizonte, além dos telhados dourados da capital, um Marco negro que ninguém sabia estar ali acende — veias ciano subindo pela pedra escura, devagar, inevitáveis. Depois outro, num sistema distante, um ponto novo de luz fria no mapa projetado aos seus pés. Depois outro. Um a um, por toda a galáxia, os Marcos começam a cantar ao mesmo tempo, um coro de dez mil anos rompendo de uma só vez o silêncio que sustentou dois mil anos de trono. Um alarme antigo ecoa pelo salão dourado, e mais outro, e mais outro, até virarem um só. A soberana aperta o braço do trono com a mão de prata. E no rosto que jamais tremeu diante de nada, treme enfim alguma coisa muito parecida com medo.

Longe dali, numa galáxia sem nome, uma salvadora endividada olha para estrelas erradas e ainda não sabe que, ao pagar a própria liberdade, acabou de abrir todas as portas do universo ao mesmo tempo.

O que vem a seguir?

SEGUNDA PARTE

O Códice

Personagens, mundos e mistérios do universo

OS TRÊS ANÉIS

O Mapa da Galáxia



Do Núcleo dourado à Franja esquecida — e, riscando o mapa, a rota impossível que a Teia abre para além do conhecido.

Linha do Tempo

~ -10.000 AH ●

Auge dos Primevos

Marcos e Teia plenamente ativos por toda a galáxia.

Ano 0 ●

O Grande Silêncio

Os Primevos desaparecem juntos. A Teia apaga, os Marcos escurecem. Começa a contagem.

0 – 9.000 AH ●

A Era do Espólio

Espécies jovens sobem entre os restos. Guerras por Écrion. A verdade primeva vira mito.

~9.000 AH ●

Fundação do Império Heliarca

Uma dinastia monopoliza as minas e inicia a doutrina que nega os Primevos.

~10.500 AH ●

A Ordem do Véu

Fundada na clandestinidade para guardar o saber e esperar o despertar.

~10.985 AH ●

O apagamento de Vhorren

O Olho apaga um mundo inteiro dos registros. Mesma época em que Toma some em Dunmar.

~11.000 AH ●

Temporada Um — O Despertar

Nyra Solvane acorda o primeiro Marco. Um a um, todos começam a cantar.

Marcos, Teia & Écrion

Os Primevos

OS PRIMEIROS

A civilização que dominou a galáxia antes do ano 0. Engenheiros ao nível de deuses: ergueram os Marcos, teceram a Teia e fabricaram o Écrion. Então, num único instante — o Grande Silêncio — desapareceram. Todos. Sem corpos, sem ruínas de batalha, sem despedida.

Os Marcos

AS FECHADURAS

Monólitos negros do tamanho de montanhas, sem juntas visíveis, que absorvem a luz. Inertes por dez mil anos. Quando acordam, acendem em linhas ciano geométricas e emitem um tom subsônico que os instrumentos captam como “canto”. Cada Marco era um nó da Teia.

A Teia

A REDE MORTA

Rede primeva de túneis de dobra ligando os Marcos — viagem quase instantânea, sem gastar Écrion, sem pedir licença ao Trono. Apagou no Grande Silêncio. Reacendê-la é o santo graal dos rebeldes e o pesadelo do Império, porque torna irrelevante o monopólio da dobra.

O Écrion

O CRISTAL QUE MOVE A GALÁXIA

Cristal azul-frio fabricado pelos Primevos — não ocorre na natureza, e ninguém hoje sabe replicá-lo. Única substância capaz de estabilizar uma dobra sem colapsar a nave. Queima devagar, é finito, e por isso é a base de todo poder. Cada salto deixa uma cicatriz rastreável.

O Grande Silêncio

A PERGUNTA-MÃE

O evento que zerou a contagem dos calendários: o desaparecimento simultâneo de toda uma civilização. O Império jura que foi um mistério limpo. As marcas de pressa no Limiar dizem outra coisa. Do que os Primevos fugiram — e isso está voltando?

As Facções

Império Heliarca

DOURADO FRIO · ÁGUIA-SOLAR

Poder dominante da galáxia há dois mil anos. Sua força nasce do monopólio do Écrion e da mentira fundadora de que os Primevos são superstição. Sede no throneworld Aurox.

O Olho

VERMELHO-SECO SOBRE PRETO

Polícia secreta do Império. Não quebra com fogo: apaga. Registros, nomes, pessoas e mundos inteiros somem por sua mão. Seu inquisidor de T1 é Vharo Sith.

Legião Cindária

ARMADURAS NEGRAS · VISEIRAS VERMELHAS

O braço militar do Trono. Disciplinada até no modo de matar. É a Legião que bloqueia a Franja e aborda o Vento Sombrio na Fenda.

Ordem do Véu

MANTOS CINZA-ESVERDEADOS · MÁSCARAS DE VÉU

Ordem herege, meio monástica meio arqueológica, que preserva em segredo o saber sobre os Primevos. Crê que o despertar é profecia, não catástrofe — e que seu dever é proteger quem acordar os Marcos.

Corsários da Fenda

CASCOS SEM SELO · NEON E ENTULHO

Piratas e contrabandistas que operam da nebulosa. Alguns têm código próprio; outros vendem qualquer um. Porto Ruína, feita de dreadnoughts fundidos, é seu covil. Valen Kor é um deles.

Confederação da Franja

NAVES REMENDADAS · CORES DESBOTADAS

Coalizão frouxa dos mundos do anel externo contra a taxa de Écrion e o recrutamento forçado. Não são heróis puros: brigam entre si, e alguns só querem outro tipo de poder.



Nyra Solvane

a Cartógrafa

RAÇA	Humana da Franja
NATAL	Dunmar
IDADE	32
STATUS	Viva

Salvadora endividada que cata destroços em zonas mortas. Perdeu o irmão Toma há quinze anos num “acidente” que nunca engoliu. Toca um estilhaço primevo que responde só a ela — e se torna, sem querer, o centro do despertar dos Marcos.

“Eu não acho tesouro. Acho o que sobrou.”

SEGREDO

Guarda a caixa-preta do turno em que Toma morreu. Nunca conseguiu decodificar.



VESK

a voz da nave

TIPO	IA de bordo
ORIGEM	restos primevos
CASA	Andarilha
STATUS	Ativo (corrompido)

Inteligência antiga que veio junto com a Andarilha. Metade da memória corrompida, o que lhe dá buracos e um humor seco e profético. Revela-se feito de restos dos Primevos, guardando a lembrança do Grande Silêncio.

“Detectei algo. Você não vai gostar. Eu também não gostei.”

SEGREDO

É o eco de um Primevo específico. Apagar os Marcos talvez o apague junto.



Irmã Caelith

a Guardiã

RAÇA	Humana
ORDEM	do Véu
IDADE	46
STATUS	Tombada · Cap. IX

Criada dentro da Ordem do Véu, escondida no mundo apagado de Vhorren. Esperou quinze anos por alguém a quem o estilhaço respondesse. Guia Nyra até a verdade — e se sacrifica para que ela abra a última porta.

“Não protegemos o segredo. Protegemos quem vai carregá-lo.”

SEGREDO

Sabia por que o Império apagou Vhorren — e o que houve com os que sumiram há 15 anos.



Valen Kor

o Corsário

RAÇA	Humano da Franja
NATAL	A Fenda
IDADE	38
STATUS	Vivo

Piloto genial de anomalias e desertor do Concórdio. Viu a própria colônia ser destruída pelo Império. Finge só ligar para créditos e Écrion, mas odeia o Trono. Resgata Nyra na Fenda e vira, a contragosto, o piloto da resistência.

“Eu não salvo vidas, Nyra. Eu cobro pelo frete.”

SEGREDO

Mantém uma base secreta no cemitério de naves, feita do casco de um cruzador imperial.



Vharo Sith

o Apagador

CARGO	Inquisidor do Olho
NATAL	Aurox
IDADE	54
STATUS	Vivo · meio-cego

A mão que apaga registros, pessoas e mundos inteiros. Foi ele quem apagou Vhorren há quinze anos; o despertar o aterroriza em silêncio, prova de que o que enterrou está voltando. No fim da temporada, o pulso do Marco estoura seu implante ocular.

“O que não está no registro, não aconteceu.”

SEGREDO

Sabe a verdade sobre os Primevos — ou parte dela. Seu medo é a pista.



Heliarca Sovrenn Vael

a Coroa

CARGO	Soberana do Império
NATAL	Aurox
IDADE	60
STATUS	Viva

Governa a galáxia sobre uma única mentira de dois mil anos. Ordena o bloqueio da Franja para esmagar o despertar. Reconhece, com pavor, exatamente o que está acordando — e carrega sozinha o fardo do segredo.

“Alguém tem que carregar a verdade. Que seja eu.”

SEGREDO

A doutrina que nega os Primevos talvez sempre tenha sido uma muralha, não só ganância.

Glossário

Primevos	Civilização que dominou a galáxia e sumiu no Grande Silêncio há ~10.000 anos.
Marcos	Monólitos negros primevos, do tamanho de montanhas. Inertes por 10.000 anos — até agora.
A Teia	Rede primeva de túneis de dobra que ligava os Marcos. Apagou no Grande Silêncio.
Écrion	Cristal que alimenta os motores de dobra. Base de todo poder econômico e militar.
Estilhaço	Fragmento primevo raríssimo. Alguns reagem a pessoas específicas.
Marco / fechadura	Um estilhaço certo abre um Marco — e um Marco aberto reacende um trecho da Teia.
Cicatriz de dobra	Rastro luminoso que um salto deixa no espaço. Delata para onde a nave foi.
Canto	O tom subsônico que um Marco emite ao despertar.
O Núcleo / Cinturão / Franja	Os três anéis da galáxia: rico e central / industrial / externo e esquecido.
Ano Heliarca (AH)	Calendário oficial. O presente da série é ~11.000 AH.

F I M D O L I V R O U M

O que vem a seguir?

A saga continua na Temporada Dois